

MAYA MOTAYNE

# NOCTURNA

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

Copyright © 2019 by Maya Motayne

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Nocturna

CAPA Aurora Parlagreco e Jenna Stempel-Lobell

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2019 Mark van Leeuwen

MAPA © 2019 Leo Hartas

PREPARAÇÃO Gabriela Ubbrig Tonelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Motayne, Maya

Nocturna / Maya Motayne ; tradução Flávia Souto  
Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original: Nocturna.

ISBN 978-85-5534-091-8

1. Ficção fantástica norte-americana I. Título. II. Série

---

19-27898

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial

*Aos meus amigos,  
que acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava.*



# MUNDO



# 1

## O príncipe sem futuro

UM PRÍNCIPE SEMPRE VOLTA PARA CASA.

Foi o que a mãe de Alfie havia lhe dito quando ele embarcara em seu navio, três meses antes, assistindo San Cristóbal sumir no horizonte. Agora, quando o mesmo navio voltava lentamente ao porto de onde havia partido, a sombra de Alfie era uma espiral de ansiedade ao redor de seus pés.

Ele estava em casa.

Os círculos da capital se abriam diante dele, das tavernas desleixadas que resistiam à brisa do mar no Aperto às majestosas haciendas com vitrais e, mais para o interior, no Laço, telhados de argila inclinados. Montanhas se elevavam ao longe. Se ele forçasse a vista, podia enxergar os canaviais, a cana-de-açúcar balançando ao vento, pronta para a colheita. E, claro, no fim do horizonte, como um segundo sol, estava o palácio.

Os dedos de Alfie seguravam firme a borda do navio. A ondulação das velas escarlates à sua volta cessava conforme a tripulação se preparava para atracar. As lojas e tavernas do porto tinham lamparinas encantadas para queimar durante toda a noite, recepcionando os navegantes que chegavam. Mesmo depois de todos os acontecimentos, a cidade, estranhamente, não havia mudado nada. Mas voltar para casa devia ser assim mesmo, ele supôs. Tudo permanecia igual, mesmo que você não permanecesse.

Alfie só queria gritar para o capitão voltar para alto-mar. Seu coração acelerado ansiava para ficar o mais longe possível de Castellan.

— Príncipe Alfiehr — disse o capitão, tirando Alfie de seus pensamentos. — Sua carruagem chegou.

Alfie respirou fundo, sem tirar os olhos do límpido mar azul. Do convés, podia avistar cardumes de peixes coloridos, alheios ao barco que deslizava sobre eles. Assim que o navio deslizou do agitado oceano para o gentil abraço do Suave, as águas de sua terra natal, o estômago de Alfie começou a se contorcer de ansiedade. Então ele soube que estava perto demais de casa. Àquela altura, não havia mais volta.

Como todo mundo, Alfie havia nascido com uma afinidade especial por um dos quatro elementos — a água, no caso dele. Só que o príncipe, como a maioria dos nobres, não havia dedicado muito tempo ao estudo dos elementos, então não era um encantador de águas muito habilidoso. Ainda assim, ele desejava movimentar os braços e criar ondas na direção contrária à do barco, indo para bem longe dali. Mas em vez disso, ele disse:

— Obrigado por seus serviços, Bastien. — Quando o capitão se curvou diante dele e se virou para sair, Alfie falou: — Espérate.

— Pois não, vossa graça.

— Como... — Alfie lançou um olhar furtivo para ele. — Como eu estou?

Bastien o observou com atenção.

— Está muito bem, príncipe Alfie. E, mesmo que não estivesse, sua família ficará feliz em vê-lo. Em qualquer condição.

Alfie assentiu e o capitão o deixou com seus pensamentos. Durante a semana anterior, ele havia parado de beber e de virar a noite lendo qualquer texto ilegal sobre magia que pudesse encontrar, na esperança de se livrar de suas olheiras escuras. Durante o tempo que passou a bordo do navio, a bebida o havia deixado destemido

demais para esconder o quanto se sentia perdido, tentando compreender sua dor e encontrando apenas raiva. A tripulação estava consciente daquilo, mas ele não queria que sua mãe visse quem havia se tornado durante os meses que passara fora. No entanto, a garrafa de tequila permanecia escondida em sua cintura, uma âncora que o arrastava para baixo com seu abraço entorpecente.

Alfie caminhou sobre a prancha bamba até o cais. Foi estranho voltar a sentir a imobilidade do chão firme quando seus pés o tocaram, como se mãos tivessem brotado da terra para segurá-lo naquele lugar repleto de lembranças que Alfie tentava esquecer. Com os dentes cerrados, ele aterrou os calcanhares para impedir que sua sombra corresse de volta para o navio. Ele estava em casa agora. Tinha uma imagem para manter. De cabeça erguida, andou até a carruagem que o esperava.

As pessoas que trabalhavam nas docas, cidadãos do reino que ele herdaria injustamente, começaram a se reunir ao redor da carruagem, sussurrando:

— É ele mesmo?

— O príncipe herdeiro Alfie voltou!

As palavras caíam sobre seus ombros como blocos de pedra. O título de príncipe herdeiro pertencia a seu irmão, Dezmin, não a ele. Alfie acelerou o passo. Um esquadrão de guardas usando capas vermelhas com a insígnia de Castallan formava uma barreira em volta da carruagem.

Um homem com chapéu de abas largas ergueu o filho nos ombros para que ele pudesse ver melhor.

— Mira, Mijo! É o príncipe!

Alfie não conseguia suportar aquilo. Todos tinham um olhar tão esperançoso. Com o coração na garganta, ele finalmente chegou à carruagem. Mas, antes de entrar, uma voz se sobressaiu às outras, golpeando-o como um chicote.

— Sua perda é nossa perda, príncipe Alfehr! Que o príncipe Dezmin descanse em paz!

O sorriso de Alfie se desmanchou. As condolências do homem tinham um fundo de verdade — a ausência de Dez era realmente uma perda para eles. Tinham sido privados de um verdadeiro líder e ficaram com Alfie no lugar. Mas o homem estava errado a respeito de uma coisa: Dez não estava morto. Alfie havia voltado para reencontrá-lo. Ele havia retornado por aquelas pessoas que mereciam um rei de verdade. Ia consertar tudo.

Com a garganta queimando para conter o sofrimento, ele olhou para a multidão e disse:

— Obrigado.

Sua voz era dura e vazia, mas ele imaginou que aquilo seria melhor do que soar desolado.

À medida que a carruagem se afastava do porto e os portões prateados do palácio surgiam, uma ponta de medo perfurava seu estômago. O trajeto na carruagem tinha sido curto demais. As pessoas sempre falam como o tempo voa durante os melhores momentos da vida, mas ele tende a fazer o mesmo quando há algo indesejado no horizonte.

Os portões prateados se abriram e a carruagem entrou nas viçosas terras da realeza. À frente, o palácio, no centro de um lago amplo. Suas cúpulas, cada uma como uma colcha de retalhos de vitrais coloridos, captavam o brilho do luar, refletindo raios escarlates, azul-celeste e verde-jade.

Não havia nenhuma faixa de terra conectando o palácio ao terreno que o cercava. Pelo menos nenhuma permanente. Quando a carruagem se aproximou da beira da água, todas as estátuas de pedra posicionadas diante do lago levantaram os braços ao mesmo tempo, e uma passagem surgiu. Quando criança, Alfie colocava a cabeça para fora da janela da carruagem e observava a ponte de

pedras recuar de volta para o lago quando passava. Agora, ele apenas olhava para a frente.

O cocheiro parou na frente do palácio e Alfie desceu, sentindo-se pequeno diante de sua imponente morada. Um criado ao pé da escadaria de pedras se curvou quando ele se aproximou.

— Bem-vindo de volta, vossa alteza — ele disse. — O rei e a rainha solicitaram...

— ...que eu espere por eles na biblioteca — Alfie terminou a frase do criado. Era para onde seus pais sempre iam quando havia algo importante a ser discutido. O criado confirmou com um aceno de cabeça. — Vou direto para lá. Gracias.

Alfie subiu as escadas se arrastando, com a capa curta flutuando em seu rastro graças à brisa noturna. Quando se aproximou das portas, elas se abriram e ele foi atingido pelo perfume familiar de sua casa: o incenso de canela que sua mãe adorava queimar e o cheiro de lençóis recém-lavados. Seus passos ecoavam nos ladrilhos pintados à mão. Faixas de tecidos muito coloridos pendiam do teto, aquecendo os extensos corredores. As paredes eram recobertas de ladrilhos formando mosaicos de cores vivas — laranja-queimado, vermelho-rosado e amarelo vibrante. Conforme ele caminhava, criados interrompiam seu trabalho para se curvar, e Alfie inclinava a cabeça, ficando mais desconfortável a cada olhar de deferência dirigido a ele.

Alfie se apressou para chegar à biblioteca. Já que teria que conversar com seus pais, queria acabar com aquilo de uma vez. Precisava comparecer a um jogo naquela noite, e vencê-lo.

Ele virou em um corredor longo, onde um criado com cerca de doze anos tirava meticulosamente o pó dos retratos com molduras douradas de reis e rainhas anteriores. Com uma palavra mágica, o garoto fez o espanador flutuar para limpar uma pintura gigantesca do bisavô de Alfie, preso no alto de uma parede. Os criados aprendiam formas simples de magia falada, conforme a necessi-

dade de seu trabalho — feitiços para limpar e organizar. Alfie não reconheceu o menino. Devia ser novo ali. Ele notou o brilho de um brinco de prata em sua orelha direita. Com certeza era novo, e provavelmente o chefe dos empregados não o havia visto usando aquilo. Alfie tentou passar despercebido por ele, mas o garoto o avistou, arregalando os olhos. Ele abriu e fechou a boca sem dizer nada, como um peixe no anzol.

— Príncipe Alfehr! — Ele se afastou da parede de quadros e fez uma reverência. Com sua concentração interrompida, o espanador começou a cair rapidamente.

Alfie estendeu a mão.

— *Parar!* — Com uma palavra mágica, o espanador ficou paralisado, suspenso bem acima da cabeça do menino.

O rosto do pequeno criado corou quando, constrangido, pegou o utensílio no ar.

Alfie se apressou, e o garoto ficou encarando suas costas. Ele o observava com o mesmo olhar de esperança das pessoas no porto.

Alfie seguiu pelo corredor e atravessou as portas de madeira escura da biblioteca. Deixou o silêncio da sala envolvê-lo. Era um cômodo cavernoso, com um teto abobadado de vidro colorido. Havia escadas com rodinhas junto às muitas estantes de livros que ocupavam as paredes. A sala ampla era equipada com mesas e poltronas confortáveis para as pessoas se afofundarem com um bom livro. A biblioteca sempre lhe passava uma sensação reconfortante, independentemente de quantas conversas sobre seu legado e suas responsabilidades ele tivesse tido ali.

Alfie foi até a estante mais próxima, onde havia uma escada um pouco mais alta do que ele. Olhou para cima. As fileiras de livros cobriam todo o pé-direito. Acima, pintado no teto abobadado com vitrais, havia um mural com uma explosão de cores sobre a história do reino de Castellan.

Alfie subiu no primeiro degrau da escada.

— *Alargar* — ele disse. A escada se esticou para cima e chegou às prateleiras mais altas. Sua sombra se contorceu desconfortavelmente ao aderir às estantes diante dele. Ele devia estar à altura de pelo menos vinte homens. Mas não sentia medo. Qualquer bruxo com o mínimo de talento conhecia a magia para desacelerar uma queda e suavizar seu impacto. E estar àquela altura era infinitamente melhor do que esperar no chão para levar sermão por ter virado as costas para suas responsabilidades durante três meses.

Alfie afastou aqueles pensamentos e passou a mão pelas lombadas de couro dos livros. Estava cercado de exemplares sobre todos os tipos de magia. Livros sobre magia elementar, uma arte fundamentada na habilidade inata de manipular um dos quatro elementos por meio de movimentos físicos e instinto; livros sobre feitiços escritos e verbais, baseados no estudo cuidadoso da linguagem mágica; havia até livros sobre o ramo menos comum da magia, *propio* — habilidades mágicas exclusivas e pessoais de cada bruxo. Os nascidos com *propio* eram considerados agraciados com uma conexão maior com a arte da magia: cada forma explorava uma energia no interior dos bruxos que a invocava, o princípio do equilíbrio e da troca entre homem e magia — o homem fornecendo o corpo e a energia para abrigar e fortalecer a magia, e a magia oferecendo suas maravilhas ao homem.

Mas não importava o quanto ele lesse sobre o assunto, nenhum livro era capaz de descrever a *sensação* de usar magia, de interagir com uma força viva tão poderosa a ponto de impressionar e subjugar ao mesmo tempo. A magia não podia falar, mas a interação com ela parecia uma conversa, uma dança, uma história contada para um amigo com o final aberto a interpretação. Para Alfie, a magia era como um cachorro de rua. Se abordado com arrogância, ele atacaria. Se abordado com desespero, ele fugiria. Mas, se abordado com

respeito e coração aberto, ele permitiria que acariciasse seu pelo e coçasse atrás de suas orelhas.

Alfie inclinou a cabeça para trás e olhou para o mural no teto. Ele se concentrou, deixando a mente silenciar até se sentir em sintonia com a magia que fluía pelo mundo, através dele — tanto foco era resultado de anos de estudo. Quando atingia aquele estado, era como se a magia que percorria o mundo tivesse um pulso, um batimento cardíaco, e ele pudesse senti-la palpitando pelo ar, desacelerando ou acelerando para se adaptar à magia dele.

Conforme as correntes de magia tomavam conta de seu corpo, Alfie proferiu a palavra que queria:

— *Contar.*

Ao seu comando, o mural ganhou vida, espiralando sobre sua cabeça em explosões coloridas. A magia injetou vida nas imagens, mostrando seu povo recoberto por cores vivas, prosperando e usando magia livremente. Então, o mural escureceu lentamente quando conquistadores inglêsios apareceram na costa do reino. Eles acorrentaram seu povo, e Alfie observou as correntes encantadas brilhando enquanto a magia de seu povo era drenada do corpo de seus indivíduos e transferida aos dominadores inglêsios para que pudessem fazer uso de mais magia. O regime inglêsio destruiu todos os livros do idioma de seu povo, forçando-os a esquecer a língua que os conectava à sua herança — à sua magia. Então veio a rebelião, com os escravizados se libertando dos grilhões, insurgindo contra os conquistadores e redescobrimdo o próprio idioma. A história terminava com um grande pássaro rompendo as correntes presas a suas garras e abrindo as asas de maneira vitoriosa. A imagem da bandeira de Castellan. Logo abaixo do pássaro, ficava o lema do reino: “Magia para todos”.

Alfie abaixou a mão e o mural voltou a ficar estático. Ele havia tentado lançar aquele feitiço muito antes de sair de casa, e não havia conseguido. Agora não podia conter o grito de empolgação.

— Uepa! — Sua voz soou pela biblioteca. Ao ouvir o eco solitário, o sorriso de Alfie se desfez.

Quando ele era pequeno, Alfie e Dez costumavam entrar escondidos na biblioteca para encenar grandes duelos com suas espadas sem ponta.

Quando ele perguntou a Dez por que eles sempre tinham que brincar de luta na biblioteca, ele havia dado de ombros e respondido: “É grande e dramática. Nos livros, as lutas de espada sempre acontecem em um lugar grande e imponente. E, quando se grita, o som ecoa por todos os lados. O eco é importante”.

Ao dizer isso, Dez havia soltado um grito alto e sua voz ricocheteara por todo o espaço cavernoso. Alfie fizera o mesmo em seguida, mas seu grito tinha soado como um gorjeio se comparado ao do irmão.

“Está vendo?”, Dez havia dito, sorrindo. “Precisa ter um bom eco.”

Alfie encostou a testa em um dos degraus da escada. Tudo no palácio lembrava Dez. Não havia um único cômodo em que ele pudesse ficar sem medo de, afinal, não conseguir encontrar o irmão. Sem medo de que Dez realmente estivesse morto, como todos diziam.

— Alfehr — uma voz soou lá embaixo, rompendo o silêncio. Era uma voz que soava como o trovão que precedia um raio. Era a voz de um rei.

Alfie deu um sobressalto, agarrando a escada com as duas mãos. O rei Bolívar e a rainha Amada estavam ao lado da escada, olhando para ele no alto. Suas expressões eram indecifráveis àquela altura. Enquanto Alfie era alto e magro, seu pai tinha um corpo mais largo. Dez era mais parecido com ele. Alfie puxou à mãe, com feições mais delicadas.

— Ven acá. — A voz da rainha Amada estava trêmula de emoção, embora Alfie não soubesse se com raiva ou alívio.

— Sí — Alfie respondeu. Ele respirou fundo e disse: — *Acortar*. — A escada encolheu e desceu lentamente até Alfie ficar a poucos centímetros do chão. Ele desceu do degrau e se virou para os pais. As mãos de sua mãe estavam sob o vestido de babados violeta. Seus olhos escuros estavam arregalados, como se não tivesse certeza de que ele estava realmente diante dela.

Ele abaixou o olhar, evitando encarar os pais por um longo instante.

— Me desculpe por ter demorado tanto para...

Antes que Alfie pudesse terminar, a rainha deu um passo à frente e o puxou para um abraço caloroso. O rei envolveu os dois em seus braços com uma gentileza que Alfie raramente via em seu pai. As costas de Alfie ficaram tensas, em choque.

— Mijo — o rei disse com voz suave.

Os olhos de Alfie ardiam.

— Eu voltei.

A rainha Amada se afastou com um olhar terno enquanto encostava a mão no rosto de Alfie.

— Você voltou *para casa*. Sentimos saudades.

A culpa tomou conta de Alfie. Ele nem estaria ali se não fosse pelo jogo que aconteceria aquela noite. Mas seus pais estavam esperando por ele desde o momento em que partira. E agora olhavam para ele com fê. Uma fê que Alfie estava longe de merecer.

Mas valeria a pena se houvesse a mínima possibilidade de achar no jogo, à noite, alguma coisa que pudesse ajudá-lo a encontrar Dez.

— Eu não devia ter ficado tanto tempo longe — Alfie disse com a voz embargada.

— Tudo bem, meu filho — o rei disse, indo na direção de um quarteto de poltronas. Ele sentou, fazendo sinal para que Alfie e sua mãe fizessem o mesmo. — Cada homem vivencia o luto de um modo diferente. O importante é que você está aqui.

Enquanto estivera fora, Alfie pensou, preocupado, que talvez Dez fosse a cola que o mantivera unido a seu pai. Que, sem Dez, o que quer houvesse entre eles se transformaria em nada além de obrigações familiares. Mas ele estava errado. O amor que havia sentido no abraço do rei era tão verdadeiro quanto se lembrava, e muito mais doloroso sem Dez ali para compartilhar com ele.

Quando sentaram, a rainha olhou sobre os ombros de Alfie, na direção da porta da biblioteca, com um olhar suplicante.

— Luka, por favor. Não quer dizer oi?

Ao ouvir o nome de seu primo e melhor amigo, Alfie pulou da poltrona. Eles haviam sido criados juntos no palácio, e sempre se referiam um ao outro como irmãos. Alfie, Luka e Dez deixaram um rastro de caos pelos corredores do palácio quando eram crianças. Ele não tinha visto Luka parado perto da porta da biblioteca, mas agora sua presença era impossível de ser ignorada, e atipicamente fria. Luka estava encostado na porta, de braços cruzados e com um olhar duro. O estômago de Alfie ficou apertado. Ver Luka sem um sorriso no rosto já era raro, e vê-lo com uma expressão tão furiosa era a certeza de que algo estava errado.

— Alfie — Luka disse em um tom seco. Ele se virou para a rainha. — Já o cumprimentei. Posso me retirar agora?

A rainha estendeu a mão na direção dele.

— Luka...

Luka estreitou os olhos.

— Por que devo dizer oi se ele não se deu ao trabalho de dizer adeus?

Alfie se encolheu e deu um passo à frente, mas Luka ergueu a cabeça como se o desafiasse a chegar mais perto.

O rei levantou e apertou o ombro de Alfie, lançando-lhe um olhar sério que dizia “deixe para lá”.

— Luka, você pode se retirar.

— Gracias — Luka respondeu, encarando Alfie rapidamente ao acenar para o rei e a rainha, antes de dar meia-volta e desaparecer pelas portas da biblioteca.

Alfie deu mais um passo à frente, com a intenção de ir atrás dele, mas seu pai o segurou.

— Dê um tempo para ele esfriar a cabeça — disse o rei. — Sua partida foi muito difícil para ele. — O rei encarou Alfie com seriedade. — É sua responsabilidade remediar essa situação, mas precisamos conversar primeiro.

Quando a mãe de Alfie assentiu, o príncipe voltou a sentar, ainda encarando as portas da biblioteca. Sabendo que Luka impediria sua partida, Alfie havia agido como um covarde e embarcado no navio sem dizer nada. Ele sabia que merecia a raiva de Luka, mas a mágoa em seus olhos doía em Alfie como um tapa na cara.

A voz do rei afastou Alfie de seus devaneios.

— Há tanto a dizer, tanto a fazer para prepará-lo para o trono.

Alfie ficou irritado. Não era a primeira vez que seus pais falavam em prepará-lo para se tornar rei. Era o que o havia compelido a entrar no navio e se afastar de casa. Ainda assim, a cada vez que mencionavam que ele substituiria Dez, sentia uma nova ferida, esfolada e cheia de dor.

— Não esquecemos Dezmin. Nunca vamos esquecer. — A rainha desviou o olhar de Alfie com a voz embargada. O peito de Alfie doeu ao ver aquilo, mas então ela o encarou novamente com um olhar inflamado. — Mas nosso povo deve vir em primeiro lugar, antes do luto. Você teve seu tempo afastado, e agora deve se preparar. É o príncipe herdeiro, o primeiro na linha de sucessão para o trono. Deve aceitar seu destino, pelo bem do reino, e mesmo pelo de seu irmão, entientes?

Alfie rangeu os dentes e se obrigou a dizer:

— Sim.

— Estamos prestes a fazer história. Em apenas alguns meses vamos nos encontrar com nosso maior inimigo pela primeira vez em gerações e fazer as pazes — o rei afirmou, apontando para o mural. — Acabar com a rixa entre Inglésia e Castallan e formar uma aliança vai provar que ressurgimos das cinzas, do passado de escravidão, e nos tornamos um reino de poder inquestionável. Mas a morte de Dez... — o rei disse, com brilho nos olhos. — Ela nos fez parecer instáveis, incapazes de nos proteger. Levantou questões sobre nossa posição política e o que oferecemos como aliados. Então devemos preparar e apresentar você como um príncipe que está pronto para se tornar rei. Primeiro para Castallan, e depois para o mundo. Vamos começar em dois dias, oferecendo um jantar em homenagem à sua volta para a mais alta nobreza de Castallan. O Festival do Equinócio é daqui a quatro dias e, como sempre, vamos organizar um baile para comemorar. É a oportunidade perfeita para apresentá-lo a todo o reino como o futuro governante.

O coração de Alfie ficou apertado ao pensar em ser apresentado como o substituto de Dez. Mesmo que Dez estivesse realmente morto, com certeza o mundo daria risada de um príncipe sem futuro tornando-se responsável pelo destino de um reino inteiro. Por que eles não conseguiam enxergar que ele não podia fazer aquilo?

— Mas, pai — Alfie finalmente disse, apertando as mãos sobre o colo. — Eu não mudei de ideia. Ainda acredito que Dez pode estar vivo. Não temos certeza se...

— *Alfähr!* — seu pai exclamou, retumbante. As costas de Alfie se endireitaram na poltrona. A rainha colocou a mão sobre o ombro do marido enquanto o rei respirava fundo. — Não vou permitir que alimente essas fantasias. Não pode continuar ignorando a verdade e as suas responsabilidades em nome de uma ilusão.

— Mas... — Alfie começou a dizer, e logo foi silenciado pelo olhar do pai.

— Quem fez parte do golpe que tirou Dez de nós foi detido e aprisionado em celas na Torre do Relógio, e lá ficará para sempre. As famílias dos três que lideraram a operação, Marco Zelas, Alonso Marquez e Maria Villanueva, juraram lealdade e renegaram os parentes que se voltaram contra a coroa. Não há mais nada a ser feito. Não sobrou nenhum caminho a ser explorado. *Por favor* — ele disse em um tom tão suplicante que chegava a ser doloroso de ouvir. — Deixe seu irmão descansar em paz.

Alfie olhou para baixo e cerrou os dentes para evitar uma discussão. Seus dedos se retorciam, desejando alcançar a garrafa de tequila escondida em sua cintura e calar a comoção que queimava em seu peito. Ele era o único que estava com Dez quando ele tinha sido levado. Eles estavam na Sala Azul, uma saleta na ala leste do palácio, discutindo qual seria a melhor forma de pedir aos pais para fazerem uma longa viagem ao exterior com Luka, para comemorar o aniversário de vinte e três anos de Dez, antes que tivesse de dedicar todo seu tempo à coroa.

Enquanto faziam planos, as portas duplas da sala se abriram e uma garota que parecia um pouco mais velha que Alfie entrou. Ela se chamava Xiomara Santoro, ele soube depois que perdera seu irmão para sempre, e era um nome que Alfie nunca poderia esquecer. Atrás dela, dois guardas estavam mortos no chão, com sangue escorrendo dos pescoços cortados. Dez empurrou Alfie para trás dele, protegendo-o até o fim.

Em um instante, a garota levantou a mão e esticou os dedos. O chão sob Dez se abriu em uma escuridão tão completa que parecia anormal, irreal. Alfie tinha visto Dez cair no buraco, seus olhos repletos de medo, as mãos esticadas para Alfie, que chegou tarde demais. Antes que pudesse pular atrás de Dez, o buraco se fechou. Àquela altura, um grupo de guardas já havia imobilizado a garota no chão enquanto Alfie caía de joelhos, proferindo todas as palavras

mágicas que conhecia para abrir o chão e encontrar aquele vácuo escuro que a garota havia conjurado com seu monstruoso *propio*. Mas nada surtiu efeito. Interrogada, Xiomara havia dito o nome daqueles que a recrutaram para matar a família real. Seu irmão havia desaparecido porque um grupo de nobres desejava tomar o trono para si. Todo o reino ficou de luto. O mercado se encheu de pinturas e quinquilharias em homenagem ao finado príncipe Dezmin. Nobres de todos os cantos do reino faziam fila para provar sua lealdade à família real, temendo serem mandados para a Torre do Relógio junto com aqueles que foram considerados culpados de traição. Castallan havia se tornado um nervo exposto e dolorido, encolhendo-se ao menor toque, eriçando-se a qualquer sinal de problema.

Ainda assim, ele não podia perder as esperanças. Lá no fundo, algo lhe dizia que Dez ainda esperava ser encontrado.

— Desculpe — Alfie disse. A mentira era ácida em sua língua.  
— Não vou mais falar sobre isso.

A rainha estendeu o braço e segurou a mão de Alfie antes de lançar um olhar penetrante ao rei.

— Você parece cansado — ela disse. — Quer descansar e discutir isso amanhã?

Com a garganta seca, Alfie levantou da poltrona.

— Sí, quero.

— Mijo, lembre-se disso — o rei disse antes que Alfie saísse correndo da biblioteca. — Meu bisavô foi o primeiro rei livre de Castallan. Quando chegar a hora, você vai ser o quinto. É descendente de homens que viveram acorrentados, homens que eram impedidos de aprender o idioma da magia. Não os decepcione.

A sombra de Alfie se enrolou nervosamente em seus pés.

— Não vou decepcioná-los. Vou fazer as coisas darem certo, prometo.

A rainha Amada assentiu com determinação. Seus olhos ainda estavam úmidos.

— Sabemos disso.

E ele faria, mas não do modo que seus pais estavam esperando.